

## FERNANDA YAMAMOTO SPFW N42

Um depoimento sobre esse trabalho

Escrever sobre o próprio trabalho é um exercício de reflexão sobre o que se pensa e faz, é dar contorno a desejos e sensações e compreender o que está por trás das nossas escolhas. Refiro-me a um processo usualmente distante de nós criadores, acostumados a nos expressar pela construção da própria obra em si mesma. Dissecar o processo criativo de um trabalho inédito e ainda não contagiado pelo olhar do espectador é se defrontar com dinâmicas de natureza subjetiva e de contornos intangíveis.

Olhar para trás e refazer esse percurso de outro modo é juntar as peças de cada uma das escolhas que configuram a tão mitificada “criação”.

Este processo se iniciou há um tempo com algumas inquietações, sendo a primeira delas a busca por entender mais profundamente o que chamamos de processo criativo, levando-me a estudar esse tema ao longo de todo este ano. Com a orientação da artista e professora Branca de Oliveira, dediquei-me ao estudo de meios de produção de imagens poéticas para, de alguma forma, tentar compreender os seus processos e, principalmente, aquilo que nos move em direção à estas manifestações.

Outra inquietação que me acompanha há muito tempo, é refletir sobre os tempos desenfreados de hoje. Foi esta preocupação que me levou, a partir de 2014, a apresentar nosso trabalho apenas uma vez ao ano no calendário do SPFW com o objetivo de criar o tempo necessário para um aprofundamento maior em cada coleção. Junto a isso cresceu a vontade de, neste ano, apresentar um desfile mais assertivo e em formato diferente da passarela tradicional.

Nesse período, tive o privilégio de conhecer o Paulo Vicelli, diretor institucional da Pinacoteca do Estado, com quem pude compartilhar algumas destas questões, bem como o projeto de realizar um desfile nos espaços da Estação Pinacoteca.

Foi imediata a ponderação de que o espaço do museu não deveria ser usado apenas como uma locação de um evento de moda, mas sim como ponto de origem para a concepção de uma coleção, estabelecendo o desafio de se pensar uma roupa a partir de sua relação com o espaço e com aquilo que ele abriga.

O local escolhido não foi um espaço neutro: a exposição de arte contemporânea denominada “Situações” e que reúne obras de treze artistas brasileiros ou aqui residentes, entre eles Iran do Espírito Santo, Jac Leirner, Cildo Meireles, Valtercio Caldas e Regina Silveira.

Um dos pontos de partida da coleção foi pensar numa “roupa escultura” que “passeasse” pela exposição, movimentando-se no espaço e podendo ser vista de diversos ângulos. Esse fio condutor, essa linha sinuosa que delinea e percorre o corpo, dá forma a volumes orgânicos, transformando-se em babados e desenhando tecidos.

Assimetrias aparecem nas roupas em uma tentativa de levar o olhar a percorrer um caminho total pelo corpo.

Diferentemente de nosso último trabalho, derivado de inúmeras viagens ao Estado da Paraíba e cujas inspirações e relações estabelecidas vieram da reinterpretação de uma técnica tradicional, para essa nova coleção, a dinâmica do processo criativo se deu através de uma introspecção dentro de nosso ateliê de modo a nos concentrarmos em um princípio fundamental: o significado originado pela construção e desconstrução da roupa.

Este foi um processo de criação coletivo onde cada um foi responsável por trazer um pouco de si para dar vida à coleção.

O modelista Fernando Jeon, especialista em alfaiataria masculina, teve uma contribuição essencial neste percurso liderando a criação e a modelagem das peças, além de, com seu apuro técnico e estético, ter conseguido desconstruir a alfaiataria clássica. Fernando empregou técnicas tradicionais da alfaiataria (como a de embeber e distender) para se chegar a volumes que só poderiam ser criados a partir do processo manual. Com essas técnicas testamos os limites dos materiais e sua resistência.

Além de Fernando Jeon, pude contar com a energia jovial de Diego Gama e Luciana Bortowski que fizeram do ateliê um laboratório para desenvolver tecidos, texturas e formas, além de compartilharem suas ideias, concretizando um processo de criação coletivo.

A partir da idéia do fio condutor, uma risca de giz surgiu em versão inusitada: o fio de nylon vem costurado em zigue-zague, formando uma linha sinuosa e conferindo volume e movimento ao tecido.

O crinol, tecido que originalmente serve para estruturar a peça internamente, ganha outros usos: corset, basque estrutural ou casaco, dando origem a um movimento no qual sua estrutura se faz revelar no exterior da roupa, capaz de mostrar o invisível.

Pequenas ondas lapidadas em retalhos de couro, rendas Renascença feitas com lace de couro e fio encerado e gazar de seda se juntam na construção de um volume em um casaco e um vestido. Por vez, flores em couro e gazar brotam por entre os babados.

Os bordados, criados por Gabriel Pesagno e Natalia Rios, surpreendem por sua delicadeza e força, e foram feitos a partir de ruelas, retalhos de couro, borracha, em contraste com cristais.

Outra novidade são as peças elaboradas a partir de ourelas de camisaria da indústria que seriam descartadas, uma proposta da estilista Agustina Comas, reconhecida por usar técnicas de upcycling em sua produção.

Desde o início consideramos uma única possibilidade de apresentação que deveria ter a presença ao vivo de músicos com seus instrumentos cujos sons se movimentassem igualmente pela exposição. Juliana Perdigão, cantora e clarinetista, concebeu a trilha especialmente para o desfile e fará uma apresentação acústica ao lado dos músicos Thomas Rohrer na rabeca e Mauricio Maas na sanfona.

Esse é um desfile onde serão apresentados somente vinte looks, número compacto perto do que se vê habitualmente em qualquer desfile. No entanto, foi outro critério que buscamos revisar, concentrando-nos num número menor de peças que nos permitisse um aprofundamento singular em cada uma delas que, em média, levaram cerca de três semanas para serem construídas, quase em sua totalidade, feitas à mão.

No entanto, apesar de todas as singularidades, este é um trabalho que fala novamente das questões que considero as mais pertinentes para os dias de hoje: o tempo, o trabalho manual, as relações humanas e o que está por trás da superfície, do aparente.

Em tempos tão turbulentos, acredito que a moda, com sua força de comunicação, pode e deve falar sobre todas essas questões, sobre o que nos move, sobre o que dá sentido ao nosso trabalho e, até mesmo, à nossa existência. A moda como forma de expressão do que está além do visível.

Fernanda Yamamoto

## **FICHA TÉCNICA**

### **ATELIÊ FY**

Direção: Fernanda Yamamoto

Coordenação: Beatriz Verdolini e Fernando Jeon

Criação: Diego Gama, Fernando Jeon e Luciana Bortowski

Modelagem: Fernando Jeon e Gisele Miki

Piloteiras: Silvia Batista e Simone Barbosa

Cortados: Oseias Araujo

Estagiários: Juliana Yamagi, Maria Canepa, Marina Zamignan

### **LOJA FY**

Coordenação: Sueli Freitas

Apoio: Ionildes Castro

### **DESFILE**

Styling: Paulo Martinez

Direção de desfile: Renata Jay

Beleza: Marcos Costa

Sapatos: Ciao Mao

Óculos: Chilli Beans

Bordados: Gabriel Pesagno e Natalia Rios

Música (Clarinete: Juliana Perdigão, Rabeca: Thomas Rohrer, Sanfona: Mauricio Maas)